

ERIK H. ERIKSON - TEORIA DO DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL

Dra. Berenice Carpigiani

Texto elaborado para fins didáticos.



“O psicanalista Erik H. Erikson, criador do conceito ‘crise de identidade’, morreu aos 91, anteontem à noite em Harwick, Massachussets, Costa Leste dos EUA. Amigo e discípulo de Sigmund Freud, Erikson formulou a teoria do desenvolvimento emocional do ser humano, segundo a qual cada estágio da vida está associado a lutas psicológicas que ajudam a moldar a personalidade. Na sua teoria, a dinâmica da sociedade em que o indivíduo vive também é considerada influência determinante para a maneira como as mudanças emocionais são resolvidas. Erikson nasceu em Frankfurt, Alemanha. Foi professor em Viena, Áustria, numa escola dirigida por Anna Freud, filha de Sigmund. Refugiou-se do nazismo nos EUA em 1933. Ensinou em várias universidades dos EUA até estabelecer-se na de Harvard, uma das melhores do país, em 1960. O auge da fama de Erikson se deu nas décadas de 60 e 70, quando suas teorias foram usadas para ajudar a entender as mudanças sociais, em especial na juventude. Ele ajudou a consolidar o gênero literário da psicobiografia. A que escreveu sobre Gandhi lhe valeu o Pulitzer de 70”.

Jornal “Folha de São Paulo” de 14 de maio de 1994. Jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva.

INTRODUÇÃO

Desta maneira, o Brasil foi noticiado da morte de Erik H. Erikson, teórico da psicologia do desenvolvimento e da personalidade, que sustentado pelos alicerces da teoria psicanalítica tem estado presente no processo de discussão sobre estes campos teóricos. Mundialmente reconhecido e discutido em Universidades europeias e norte americanas, Erikson forneceu elementos para a compreensão do papel do processo de internalização da cultura no universo inconsciente individual e na formação da personalidade do ser humano.

Diferentes áreas de estudos da psicologia, assim como áreas afins, como por exemplo a pedagogia e as áreas

voltadas para administração de empresas – buscam sustentação teórica tanto nos conceitos por ele elaborados quanto na formatação muito própria que desenvolveu a partir dos estudos da psicanálise freudiana.

As Universidades brasileiras também contemplam, nas matrizes curriculares de diferentes Cursos o ensino de sua teoria e esta é a razão para a elaboração deste texto, que pretende enfatizar a importância das fontes conceituais propostas por Erik H. Erikson, principalmente no que diz respeito à conceitualização do papel do Ego e da Cultura, como fatores de estruturação do sujeito intrapsíquico.

O texto foi organizado da seguinte

maneira: informações sobre a história de vida do autor como clínico e teórico, sua visão sobre a psicanálise e sobre os conceitos por ele revisitados. Apresenta também a Teoria do Ciclo Vital e as nove idades do desenvolvimento humano. Farei citações de seus livros, traduções e edições e, retomarei sua própria fala no sentido de torná-lo cúmplice deste texto.

Sugiro que o leitor possua algum conhecimento sobre a psicanálise freudiana para facilitar o acompanhamento do significado de alguns conceitos, o que possibilitará a compreensão das harmonias e dissonâncias conceituais entre sua teoria e a origem do pensamento psicanalítico.

A VIDA DE ERIK H. ERIKSON

No prefácio do livro *Diálogo com Erik Erikson*, publicado pelo Fondo de Cultura Econômica Del México em 1967, Evans o entrevistador, apresentou Erikson como

um homem notável. Seu estilo analítico, tolerante, sereno, está apoiado numa incisiva perspicácia ... Erikson caminhou do campo da arte para o estudo psicanalítico. Como artista ofereceu uma perspectiva pouco comum para a psicanálise. Depois de estudar com Anna Freud, tornou-se um dos pioneiros da psicanálise infantil. Viveu seus primeiros anos numa cultura européia variada e depois foi para os Estados Unidos. Ali desenvolveu uma brilhante carreira como psicanalista, realizou importantes estudos comparativos entre culturas, foi escritor, ensinou psicanálise e foi professor da Universidade de Harvard. Muitos o consideram um dos professores mais simpáticos e populares que existem no corpo docente de Harvard. Em função de seus antecedentes ele se tornou um indivíduo criativo e único cujas obras estão atraindo grande atenção. (tradução da p.18, realizada pela organizadora deste texto).

A história da vida de Erikson em alguns momentos chega a ser misteriosa. Na verdade ao ir buscar dados sobre sua vida pessoal deparei-me com diferentes informações que, muitas vezes não combinavam, no entanto, sabe-se que foi o primeiro filho de Karla Abrahamsen, nascido na Dinamarca em 1902. Viveu os três primeiros anos de vida exclusivamente sob os cuidados de sua mãe até que ela se casasse, na Alemanha,

com o pediatra judeu alemão Theodor Homberger. O casal combinou de não contar para Erik sobre seu verdadeiro pai e, quando ele estava com cinco anos Theodor documentou a paternidade. Daí o sobrenome Homberger.

Embora realmente gostasse de seu padrasto, ele escreveu em um estudo autobiográfico (1970) que este background misto criou-lhe alguns 'problemas de identidade'. Por ser alto e loiro, era chamado de gentile por seus amigos da sinagoga local e, à medida que era filho de um médico judeu, seus colegas de classe o apelidavam jocosamente de 'judeu' " (GALLATIN, 1978).

Segundo alguns biógrafos, durante sua formação sofreu alguns problemas de adaptação ao sistema de ensino da Alemanha daqueles tempos. Ao invés de ingressar para o estudo da medicina, que parecia ser o esperado, Erikson foi estudar arte e abraçou a profissão de pintor de retratos. Sua adolescência foi marcada por uma série de viagens através da Europa e, aparentemente possuía talento, pois foi ficando conhecido principalmente, pela qualidade dos retratos de crianças que realizava. Na passagem da adolescência para a vida adulta- jovem Erik, além da Arte, teve outro encontro importante: Com a psicanálise.

Uma das versões conhecidas sobre esta época de sua vida é a de que numa destas viagens teria sido:

convidado para fazer o retrato de uma criança numa residência na Áustria. A menina pertencia á família de Sigmund Freud. Enquanto realizava seu trabalho de pintura, Erikson teve a oportunidade de man-

ter muitas conversas informais com Freud. Poucas semanas depois, recebeu um convite escrito por Freud para inscrever-se no Instituto Psicanalítico de Viena e estudar para ser analista de crianças. Erikson aceitou o convite, deixou as viagens e a pintura e comprometeu-se com a Psicologia. (BARROS. 1991, p.74).

Outra versão a respeito de seu encontro com a psicanálise é a de que:

Quando contava com vinte e cinco anos, Peter Bloss, um amigo de Hamburgo com quem ele encontrava de vez em quando em suas viagens convidou-o para juntar-se a um grupo pertencente a uma pequena escola progressista em Viena. A escola era financiada por Dorothy Burlingham, uma americana rica que se interessou muito pela psicanálise, foi para Viena a fim de ser analisada por Sigmund Freud e permanecera lá, tendo se tornado analista leiga. Através de Mrs. Burlingham, Erikson entrou em contato com outros membros do famoso círculo de Viena, entre os quais Anna, a filha de Sigmund Freud, que estava extremamente envolvida com a escola. Após alguns estudos posteriores no Instituto de Viena, Erikson tornou-se um profissional independente e começou a especializar-se no tratamento de crianças. (GALLATIN, 1978, p.178).

Erikson, por sua vez, nos diz o seguinte:

Vim da arte para a psicologia, o que pode explicar; ainda que não justificar, o fato de



foto meramente ilustrativa

que às vezes o leitor me veja pintando contextos e cenários em ocasiões em que ele preferiria que assinalasse fatos e conceitos..." (ERIKSON, 1976, p.14).

Casou-se com Joan, a professora que ensinava ballet, na escola onde ele trabalhava sob a supervisão de Anna Freud, e o casal teve quatro filhos: Kai (1931) Jon (1933), Sue (1938) e Neil (1944) este último portador de Síndrome de Down e que faleceu aos 21 anos. Sua esposa é bastante citada em seus trabalhos e parece ter tido uma participação grande no desenvolvimento do pensamento e na elaboração dos conceitos que norteiam sua teoria. Ela acompanhava, revisava os textos, sobretudo pelo fato de dominar a língua inglesa (a língua-mãe de Erikson era o alemão) e por isso era ela quem preparava a edição de seus livros. Nos prefácios das edições de todos os seus livros ele cita e agradece a colaboração da esposa. Veja que interessante esta descrição da cumplicidade profissional de ambos, descrita por Joan no prefácio da visão ampliada de "O ciclo de vida completo":

Erik foi convidado para apresentar os estágios para um grupo de psicólogos e psiquiatras em Los Angeles... o plano era o seguinte: nós iríamos de carro até a estação ferroviária mais próxima, onde Erik poderia pegar o trem para Los Angeles, e eu voltaria logo para casa e para as crianças... Era uma distância longa... e nós aproveitamos o tempo para discutir (...) sua apresentação. Também ficamos deliciados ao lembrar que, quando Shakespeare escreveu As sete idades do Homem, ele não incluiu – imaginem só – o estágio do brincar (...). Sentada com o gráfico do ciclo da vida no colo, enquanto Erik dirigia, eu comecei a ficar inquieta. Shakespeare tinha sete estágios, como nós, e ele tinha omitido um estágio importante (...) num chocante momento de lucidez, eu percebi o que estava errado: nós estávamos faltando (...) Os sete estágios do gráfico pulavam de Intimidade para Velhice. Nós certamente precisávamos de um outro estágio entre o sexto e o

sétimo (...). Incluímos um novo estágio intitulado Generatividade X Estagnação (...). Como é difícil para a pessoa reconhecer e ter a perspectiva de onde ela está presentemente no próprio ciclo da vida" (ERIKSON, 1998, p.VII).

O início de sua vida intelectual foi norteado pela análise e supervisão com Anna Freud e mesmo já morando nos Estados Unidos, ambos continuaram trabalhando e discutindo a psicanálise. Circulou entre antropólogos e, no prefácio do livro "Infância e Sociedade" ele cita Gregory Bateson, Ruth Benedict, Martin Loeb e Margaret Mead, destacando Skudder Mekeel e Alfred Kroeber como os principais responsáveis pela sua iniciação no método da pesquisa-ação.

O desenvolvimento de sua vida profissional se fez num ritmo constante e consistente e, no final deste texto, você encontrará sua obra em ordem cronológica a partir do início dos anos 1930, pois com a subida de Hitler ao poder ele precisou mudar-se de Viena para Copenhague e daí para os Estados Unidos, onde desenvolveu a maior parte de sua teoria.

TEORIA GERAL – CONCEITOS ESPECÍFICOS

Erikson, no início de seu trabalho, imaginou que estivesse apenas criando exemplos para a teoria psicanalítica que havia aprendido com Sigmund e Anna Freud - essas foram suas palavras durante a entrevista realizada em 1975 – mas na realidade ele percorreu um caminho no qual alguns conceitos foram profundamente revistos. Para entendermos como Erik Erikson pensava a psicanálise tal qual proposta pelo núcleo psicanalítico, é importante lembrarmos que sua preocupação estava em rediscutir pontos do pensamento freudiano, pois segundo ele explica, o próprio clima científico que emoldurava as descobertas, na época de Freud era muito diferente do clima intelectual que ele passou a viver nos Estados Unidos no desenrolar de seu trabalho como psicanalista.

Num momento em que a teoria da relatividade dava o tom das descobertas da ciência e sistematizava o pensamento filosófico, Erikson sentia dificuldades em apoiar suas formulações da mesma maneira que Freud, que estava sustentado pela idéia da transformação de energia que caracterizava os efeitos da física do século XIX. Isto significa dizer que o tom das pesquisas sobre mundo mental deveria ser escutado de uma nova maneira. Por exemplo, a sexualidade era entendida como uma das mais definidas

áreas onde podem ser encontrados núcleos de excitação que se originam da química do corpo” e os pacientes da época eram exemplos vivos de que alguma coisa em excesso ou

reprimida gerava os sintomas. Freud defendia a teoria de que a fase inicial do desenvolvimento – denominada fase oral, por conter a energia instintiva que subsidiaria tanto o desenvolvimento sexual normal quanto o patológico, era a fonte geradora dos sintomas neuróticos e era responsável pelo desenvolvimento da personalidade e entendia também que a compreensão das psicopatologias seria a fonte principal de compreensão da psicologia normal. (ERIKSON, 1976, p.340).

Esta idéia da compreensão da psicologia normal através da psicopatologia é rebatida por Erikson, pois ele entendeu que tanto a patologia quanto a normalidade deveriam ser entendidas dentro de padrões culturais, ou seja, ambos os conceitos podem mudar conforme a época e a cultura que se modificam de tempos em tempos. Para iniciar a discussão de seu pensamento Erikson explica que sua teoria se propõe a entender a constituição dos aspectos adaptativos e criativos que compõem a estruturação da personalidade ao longo do desenvolvimento desde o nascimento até a morte. Isto significa dizer que há uma nova forma de olhar a relação entre as instâncias psíquicas (Id, Ego e Superego) estendida para a velhice.

Vamos ao primeiro conceito. Ele irá utilizar o termo modalidade: “para descrever a forma como o Ego da criança se relaciona com o mundo e, portanto, este é um conceito mais amplo do que o conceito de instinto” (Gallatin, 1975, p.190). Ou seja, a maneira como o Ego vai desenhando

a fronteira entre mundo externo e interno é o movimento mais forte e ativo em direção à normalidade e mais forte que o conceito de instinto. Na verdade Erikson mudou o foco da dinâmica teórica de compreensão da personalidade, ressaltando o papel do Ego como o principal responsável pela organização das memórias e síntese das experiências emocionais vivenciadas pelas pessoas. Este é o mecanismo que garantirá a construção da vida psíquica saudável.

É importante entendermos o desenvolvimento da personalidade a partir da integração indissociável de três dimensões:

1. A dimensão biológica: assim como apontado na psicanálise freudiana, o ser humano se constitui de um conjunto de pulsões que necessita ordem, consistência e sistematização. Para Erikson, o desenvolvimento ocorre numa sequência sustentada na maturação biológica, ou seja, é a estrutura biológica herdada que alicerça o desenvolvimento de qualquer ser vivo. Nesta dimensão é apontado um conceito importante: Princípio Epigênético. Assim explicado: “Epi significa ‘Sobre’ e Gênese significa ‘Surgimento’. Então epigênese significa que algo se desenvolve sobre outra coisa no espaço e no tempo. Isto me pareceu uma idéia simples e suficiente a ser adotada para nossos objetivos” (1967).

Isto significa dizer que todo ser vivo está apoiado sobre uma base que proporciona potencialmente o desenvolvimento de funções determinadas. É o suporte biológico que sustenta o plano psicológico.

							Integridade X Desespero
						Generatividade X Estagnação	
						Intimidade X Isolamento	
						Identidade X Confusão de papéis	
						Produtividade X Inferioridade	
						Iniciativa X Culpa	
						Autonomia X Vergonha/Dúvida	
						Confiança X Desconfiança	

2. Dimensão social: desenvolve-se nas relações culturais primeiras dentro das quais o bebê está inserido. Aqui Erikson já começa a delinear a força da cultura na constituição da personalidade. A gratificação das necessidades iniciais, a satisfação dos instintos que garantirá a sobrevivência se dará na relação com outras pessoas, ou seja: o bebê precisa ser cuidado dentro dos padrões da sua cultura. Temos aqui um elemento muito importante para a compreensão desta teoria. Segundo Erikson este processo de organização das pulsões se dá de diferentes maneiras de acordo com a família, sociedade e cultura.

O modo como a mãe cuida de seu bebê varia de cultura para cultura mas, todos os pais cuidam de seus filhos com objetivo de torná-los capacitados a pertencer a seu grupo cultural. O cuidado é diferente em cada cultura. Algumas pessoas pensam que o bebê (...) deve permanecer enfaixado a maior parte do dia e durante quase todo o primeiro ano de vida e que devem ser embalados e alimentados toda vez que choramingar. Outros pensam que deve sentir a liberdade de seus membros e movê-los á vontade o mais cedo possível, mas também que, de modo geral, deve ser forçado a chorar, implorando por suas refeições até que fique roxo. (Erikson, 1967, p.33).

3. Dimensão Individual: A articulação entre os elementos que constituem a dimensão biológica e a dimensão social é realizada de maneira pessoal e é esta articulação que irá garantir ao sujeito sua identidade. A dimensão individual liga-se ao conceito de ego, portanto a integração da percepção e da memória dos fatos passados pela pessoa formam

capacidades absolutamente próprias de cada um, ou seja, o aparato biológico é característico da espécie, a aprendizagem se faz dentro de informações próprias de cada cultura, mas a pessoa garante sua identidade no permanente processo de organização e arranjo destas informações.

A idéia das três dimensões nos ajuda a compreender o desenvolvimento psicológico saudável e a explicação para a infinita capacidade de adaptabilidade do ser humano, sua condição de integrar experiências e organizar sua história, o que lhe trará um senso de continuidade, pertença e significado para a vida cotidiana. O Homem evolui porque precisa manter-se em equilíbrio, portanto, deve estabelecer a continuidade e sentido para os conflitos que experimenta ao longo de sua vida. As três dimensões, tais como propostas por ele estão profundamente interrelacionadas com o conceito de Ego.

EM FOCO: O EGO

No livro “Infância e Sociedade” Erikson relembra que Freud “considerava o Id a mais antiga província da mente, tanto em termos individuais – pois sustentava que o recém-nascido é “todo Id” – como em termos filogenéticos, porque o Id é o depósito, em nós, de toda a história evolucionária. O Id é tudo o que fica em nossa organização das respostas da ameiba e dos impulsos do macaco, dos espasmos cegos de nossa existência intra uterina e das necessidades de nossos dias pós-natal, tudo o que faria de nós “simples criatura”. O nome Id, naturalmente, designa a suposição de que o Ego se encontra ligado a essa impessoal camada (...)”

No seu livro “Identidade, juventude e crise” há um capítulo fundamental chamado Entreato Teórico: Ego e meio ambiente, no qual Erikson res-

salta a importância de conhecermos a história da discussão a respeito do conceito de Ego. Ele nos conta que no período em que circulou pelo grupo psicanalítico de Viena havia uma posição teórica bastante consolidada sobre o papel do Ego para o funcionamento do psiquismo: Anna Freud defendia a idéia de que o Ego se constitui a partir da diferenciação do Id, ou seja: pensamento, percepção, coordenação, localização espacial, memória são funções psíquicas que não existem no momento do nascimento. Ao nascer o bebê possui impulsos e pulsões e a partir do crescimento biológico e das frustrações das necessidades é que o ego vai se desenvolvendo, o que significa dizer que a parte inconsciente do Ego deve exercer a função defensiva contra as exigências pulsionais que nascem no Id. Por outro lado, havia um membro do grupo de psicanalistas de Viena, chamado Hartmann, que defendia a idéia de que muitas das funções mentais como, por exemplo: falar, ler, atos motores reflexos existem independente dos possíveis conflitos causados pelo Id, isto quer dizer que, para este estudioso, o Ego possui partes rudimentares que existem como capacidades inatas no Ego em formação e é por isso que ele é capaz de reagir a mudanças ambientais, ou seja: o ser humano nasce pré-adaptado ao ambiente e isso garantirá ao bebê a condição de adaptabilidade.

Para a teoria psicossocial, tal como proposta por Erikson, o Ego se desenvolve na interdependência entre a organização interna e a social; na integração da história vivenciada no tempo; no estabelecimento de continuidade das experiências afetivas desde muito cedo. Ele foi bastante audacioso no sentido de afirmar em 1950, na primeira edição de Infância e Sociedade que:

A psicanálise na atualidade está implementando o estudo do ego, um conceito que caracteriza a capacidade do homem de unificar de modo adaptativo sua experiência e sua ação. Está transferindo a importância que atribuía ao concentrado estuda das condições que entorpecem e deformam o ego individual para o estudo das raízes do ego na organização social (...) este livro é um estudo psicanalítico da relação do ego com a sociedade (ERIKSON, 1976, p. 13).

Ao considerar a cultura, o observador psicanalista se vê frente a frente “com uma escala dinâmica de conduta coletiva”. Lembrança histórica, mitos, rituais, diversões, sonhos, podem oferecer subsídios para a investigação dos sintomas atuais apresentados individual ou coletivamente.

O INÍCIO: ANÁLISES INTERCULTURAIS E PSICOHISTÓRICAS

A Infância em duas Tribos Índias Norte-Americanas in: Infância e Sociedade - cap. 3).

O estudo comparativo das culturas, utilizando a teoria psicanalítica, marcou sobremaneira o trabalho de Erik H. Erikson, especialmente duas das pesquisas, por ele realizadas, no início da década de 1970 (que iniciaram a modalidade da pesquisa-ação), fundamentaram sua teoria do ciclo vital e também subsidiaram a formulação da Teoria das Nove Idades do Homem. Estas pesquisas foram realizadas em dois momentos e em duas comunidades com características culturais muito próprias. A primeira, realizada com os índios sioux e a segunda com a colônia dos pescadores yurok.

A descrição completa destas expe-

riências científicas pode ser encontrada no livro *Infância e Sociedade*, publicado pela Zahar Editores.

Nos dois trabalhos Erikson enfatiza que a construção da Identidade individual pode sofrer profundas marcas, quando ocorre um trauma ou uma sequência de traumas, ao longo do desenvolvimento da cultura à qual a pessoa pertence. Estes traumas quebram a formatação histórica original de um determinado povo além de gerar a perda de referências culturais nos indivíduos.

Em uma entrevista concedida a Richard I. Evans, em 1967, Erik H. Erikson relata que teve a oportunidade de conhecer e trabalhar com um antropólogo chamado Scudder Mekeel, à época responsável pelos assuntos referentes aos indígenas, junto ao governo norteamericano. Juntos visitaram a reserva indígena especialmente com o objetivo de observar as crianças e as escolas, nas quais trabalhavam profissionais que não eram índios. Esta experiência, na verdade é considerada uma das primeiras pesquisas denominada “observação participante”. Erikson explica que gostou muito de desenvolver esta pesquisa, pois a “observação participante implica que, na observação de seres humanos, o observador também é participante e isto se deve ser parte de um plano de trabalho. Creio que devemos desenvolver a capacidade de nos convertermos em participantes observadores em terrenos como a política, isto é, devemos participar sem sacrificar a compreensão”.

O que já havia á época desta viagem era um grande número de informações coletadas por antropólogos, que ele pode estudar e também documentos do próprio governo americano, sobre os índios sioux “de 300 páginas sobre os índios sioux, apenas meia página era dedicada ao ensino

de crianças”. Suas primeiras perguntas foram: “Como criavam seus filhos antes da chegada do homem branco?”

Foi então conversando com os índios e ouvindo suas memórias relatadas de maneira espontânea e seria, que foi conhecendo a maneira como os índios educavam suas crianças a fim de desenvolverem a “virtude” para o homem e a “força” para a mulher. Estes eram os valores desejados para que uma pessoa fosse considerada boa para a cultura: “Isto serviu mais tarde para a minha descrição das forças humanas básicas” (1976. p. 82) e foi o alicerce para o desenvolvimento, num primeiro momento das oito idades do homem, juntamente com a percepção de que as como etapas pregenitais do desenvolvimento individual, tal como formuladas por Freud também eram importantes como etapas preculturais do ponto de vista da cultura, por estarem intrinsecamente relacionadas com a tecnologia e a imagem do mundo de um determinado povo.

Erikson descreve que ao chegar ao campo de pesquisa (reserva indígena), foi apresentado aos idosos, ao pessoal técnico da reserva, às crianças e com eles conversou.

Crianças apáticas. Dificuldade? Patologia?

No caso dos índios sioux, aconteceu que, em função da colonização, este povo perdeu, primeiramente sua condição de nômade e caçador de búfalos, depois foi derrotado em sua tentativa de se amoldar a uma função de guerreiro e, em seguida sua necessidade de sobrevivência o tornou cuidador de gado – o que também lhe foi tomado e, finalmente tornou-se um povo lavrador sedentário, silencioso, sem vigor, adoecido e desconfiado. Condições contrastantes

com suas características originárias - de povo viril e nômade.

O governo, muito tempo depois que toda essa história se desenrolou, tomou a atitude de gerar ações de ajuda na tentativa de remediar a condição de passividade detectada, especialmente, nas crianças sioux, mas mesmo oferecendo escola, saúde, cuidado, não conseguiu integrar as imagens originais que caracterizavam a cultura, como por exemplo sua coragem, capacidade de luta, vigor, procriação, orgulho na educação das suas crianças. Representações que foram se esvaziando ao longo do tempo e que mal podiam ser percebidas no atual estilo de vida que os descendentes indígenas conseguiram adotar a fim de sobreviver. Suas crianças tornaram-se apáticas, preocupantemente dóceis e retraídas. Por essas razões, apresentadas especialmente pelos agentes educacionais da reserva indígena, o governo convidou o antropólogo e o psicanalista para realizar um estudo e propor ações para a situação detectada.

Erikson enfocou sobremaneira o papel da educação infantil neste estudo e revelou um dilema profundo: O projeto e o planejamento educacional oferecido pelo governo não haviam considerado os resíduos do Universo primitivo cultural da tribo e este foi considerado o ponto de partida para a desagregação da identidade coletiva e do enfraquecimento da formação da identidade pessoal.

Seguem, recortes da pesquisa e a íntegra conclusões, na própria escrita de Erikson, traduzida do inglês para o português por Gildásio Amado (1963).

“Na época de nossa viagem ao Dakota do Sul, Scudder Mekeel era representante do Departamento de Assuntos Índios. O propósito imediato

e mais urgente de nossa investigação era tentar descobrir a origem da trágica apatia com que as crianças sioux aceitavam silenciosamente e depois refugavam também em silêncio muitos dos valores que lhes ensinava a experiência extraordinariamente ponderada e custosa de educação índia federal. A injustiça com essas crianças era bastante evidente: havia dois direitos: um branco e outro índio. Mas só ao investigar essa discrepância pudemos descobrir os vestígios do que foi, em outra época o direito para os filhos da pradaria.

Para ser fiel à natureza clínica de nossa investigação, devo introduzir o material sobre a antiga educação infantil que se apresentará aqui com uma abundante descrição circunstancial. Para chegar a um, a clareira onde uma luz mais forte nos permita ver o problema da infância e da sociedade, devo levar o leitor através dos espinhosos arbustos das relações raciais contemporâneas.



A reserva índia de Pine Ridge se estende ao longo dos limites do Estado de Nebraska com o sudoeste do Dakota do Sul. Compartilha de altas campinas onduladas (...). Aí, 8.000 membros da subtribo Oglada dos Sioux, ou Dakota, vivem em um território que lhes fora destinado pelo Governo. Quando os índios se instalaram nesta reserva, transferiram ao Governo dos Estados Unidos sua independência política e econômica

com a condição de que aquele impedisse que os brancos caçassem e se estabelecessem em seu território.

Só o mais obstinado dos românticos esperará encontrar em uma reserva da época atual alguma coisa que se pareça com a imagem dos antigos Dakota que uma vez encarnaram o “verdadeiro índio”: caçador e guerreiro, dotado de coragem, astúcia e crueldade (...).

Organizados em um flexível sistema de bandos, os Dakota, em longas cavalgadas sobre as vastas planícies, perseguiram o búfalo. Periodicamente se reuniam em acampamentos bem ordenados que eram um conjunto de tendas pequenas. Tudo que faziam em conjunto _ acampar, caça grande do búfalo, dançar – era estritamente regulado. Mas constantemente pequenos grupos coloridos e ruidosos não resistiam ao impulso de desgarrar do conjunto para se entregar à caça leve, ao roubo de cavalos, a ataques de surpresa ao inimigo.

A crueldade dos sioux era proverbial entre os primeiros colonizadores. Aplicavam-se sem piedade a eles mesmos quando em solitária autotortura suplicavam a presença do grande espírito.

Mas este povo, outrora orgulhoso se viu acossado por uma sequência apocalíptica de catástrofes, como se a natureza e a história se tivessem aliado para desencadear uma guerra total à sua valorosa raça e descendência.

É necessário lembrar que só uns poucos séculos antes que os brancos se instalassem entre eles, os sioux haviam chegado às altas campinas, procedentes do Mississipi e do Missouri, e haviam organizado sua vida em torno da caça do búfalo. Por ser relativamente recente esta adaptação,

talvez possa explicar o fato de que, como diz Wissler (no livro *Depression e Revolt. Natural History. Vol 41, nº2. 1938*): “quando os búfalos desapareceram, os sioux morreram, étnica e espiritualmente. O corpo do búfalo havia fornecido não só alimento e material para roupa, abrigo e tendas, mas também utilidades como sacos e canoas, cordas para os arcos e fios para coser, tigelas e colheres. Partes do búfalo eram utilizadas para fazer remédios e adornos; os excrementos, secados ao sol, como combustível para o inverno. As sociedades e as estações, as cerimônias e as danças, a mitologia e os jogos das crianças exaltavam-lhes o nome e a imagem”.

Assim (...) os búfalos desapareceram. Os brancos ansiosos por assegurar rotas comerciais na direção dos pastos mais verdes do oeste, arruinaram os campos de caça (...) trucidaram búfalos às centenas e milhares. À procura de ouro, invadiram em massa as Black Hills, montanhas sagradas dos sioux, sua reserva de caça e seu refúgio no inverno (...). A guerra selvagem mas esporádica que sobreveio só terminou em 1890 (...) quando, centenas de sioux, na proporção de quatro para um, morreram enfrentando soldados bem armados (...). (1976. pg 107).

(...) É natural que quem visite uma reserva se sinta depois de pouco tempo como se fosse parte de um filme em câmara lenta, como se um fardo histórico estivesse detendo a vida a seu redor.

É verdade que a pequena cidade de Pine Ridge muito se parece com qualquer sede rural de condado das regiões mais pobres do Centro-Oeste. Os prédios e as Escolas do governo são limpos, amplos e bem aparelhados. Os professores e funcionários, índios e brancos, apresentam-se bem

barbeados e são muito cordiais. Entretanto, quanto mais tempo se permaneça na reserva, quanto mais se percorra e mais de perto se a observe, será mais evidente que os índios possuem muito pouco e o conservem pessimamente. Aparentemente calmos, em geral amistosos, mas quase sempre lerdos e apáticos, os índios apresentam sinais surpreendentes de subnutrição e enfermidade. Só em uma eventual dança ritual ou nas brigas de bêbados nos bares que contrabandeiam bebidas fora dos limites da reserva, pode-se ver extravasar uma parte da imensa energia latente que arde sob a superfície apática. Sob condições traumáticas, o sioux perdeu a realidade à qual se amoldava a última forma histórica de sua integridade coletiva. Antes da chegada do homem branco, era um nômade aguerrido e um caçador de búfalos. Os búfalos desapareceram, trucidado pelos invasores. O sioux se tornou então um guerreiro na defensiva, e foi derrotado. Aprendeu quase alegremente a arrebanhar gado em vez de sítiar búfalos; mas o gado lhe foi arrebatado. Conseguiu transformar-se em um lavrador sedentário, mas ao preço de se tornar um homem doente em uma terra insalubre. Assim, passo a passo, negaram-se aos sioux as bases da formação de uma identidade de povo e, com ela, aquela reserva de integridade coletiva da qual o indivíduo deve derivar seu valor como ser social.

O temor da fome levou os sioux a renunciarem às funções comunitárias em favor do conquistador que provê o alimento. A ajuda federal, longe de constituir uma solução intermediária decorrente de compromissos firmados em tratados, continuou a ser necessária e, cada vez mais, com um caráter assistencial. Ao mesmo tempo o Governo não conseguiu reconciliar as imagens velhas com as novas, e nem sequer estabelecer o núcleo

para uma consciência nova tanto na forma quanto no conteúdo.

A Educação infantil, insistimos em afirmar, continua sendo o instrumento sensível de uma síntese cultural até que uma nova síntese se revele convincente e inevitável. Na realidade, o problema da educação índia é uma questão de contato cultural entre um grupo de funcionários representativos dos valores de classe média de um sistema de livre empresa, de um lado, e, de outro, os restos de uma tribo que, toda vez que renuncia o amparo do governo, necessariamente se situa entre os subprivilegiados daquele sistema.

Os antigos princípios da Educação infantil, de fato, ainda atuantes nos resíduos da tribo, solapam a fixação de uma consciência branca. Nesse sistema, o princípio do desenvolvimento sustenta que se deve permitir a uma criança ser individualista logo na primeira fase de sua infância. Os pais não manifestam nenhuma hostilidade em relação ao corpo como tal, nem reprovam, especialmente nos meninos, a autodeterminação.

Não há nenhuma condenação dos hábitos infantis, enquanto a criança desenvolve aquele sistema de comunicação entre o eu e o corpo e entre o eu e a família, em que se baseia o ego infantil. Só quando chega a ser forte fisicamente e confiante em si mesma, a opinião pública lhe exige que se curve a uma tradição menos severa, focalizada sobre sua conduta social real mais do que sobre suas funções corporais e suas fantasias. Incorpora-se a criança a uma tradição elástica que em uma forma estritamente institucionalizada atende a suas necessidades sociais, desviando suas tendências instintivas, perigosas para os inimigos externos e permitindo-lhe sempre projetar, no sobrenatural, a fonte de alguma culpa inad-

missível. Vimos quão obstinada se manteve essa consciência mesmo em face da flagrante realidade das mudanças históricas.

Em contraste, as classes dominantes na civilização ocidental, representadas no caso por sua burocracia, se deixaram guiar pela convicção de que uma regulação sistemática das funções e dos impulsos na primeira fase da infância constitui a mais segura proteção no que diz respeito a uma atuação posterior efetiva na sociedade. Implantam o metrônomo contínuo da rotina na criancinha impressionável, para regular suas primeiras experiências com seu corpo e com seu ambiente físico imediato. Só depois dessa socialização mecânica, é incentivada a se declarar uma individualista áspera. Persegue objetivos ambiciosos, mas permanece compulsoriamente dentro dos limites das carreiras estandardizadas que, na medida em que aumenta a complexidade da economia, tendem a substituir as responsabilidades mais gerais. A especialização assim incrementada conduziu esta civilização ocidental ao domínio da máquina, mas também a uma corrente subterrânea de ilimitado descontentamento e de desorientação individual.

Naturalmente, os benefícios de um sistema educacional pouco significam para os membros de outro sistema, por todo o tempo em que o custo lhe seja demasiado evidente. Os impassíveis sioux não podiam compreender que houvesse outra coisa, além da restituição, que valesse a pena lutar, uma vez que sua história individual e racial lhes haviam proporcionado a recordação da abundância.

A consciência do homem branco, por outro lado, exige uma contínua reforma dele próprio, na procura de carreiras que conduzam a padrões sempre mais altos. Essa reforma re-

quer uma consciência cada vez mais interiorizada, que atue automática e inconscientemente contra a tentação, sem a presença de observadores críticos. A consciência índia, mais preocupada em evitar situações embaraçosas dentro de um sistema de honras e vergonhas claramente definido, fica sem orientação em situações conflitantes cuja solução dependa de uma voz interior.

O sistema a que se subordina a educação sioux inicialmente é primitivo, isto é, baseia-se na adaptação de um grupo altamente etnocêntrico e relativamente pequeno de indivíduos que se consideram únicos e importantes para a humanidade ... O sistema cultural primitivo se limita:

1. A especializar a criança para uma carreira importante: a de caçador de búfalos.
2. A aperfeiçoar uma restrita área do mundo das ferramentas que amplie o poder do corpo humano sobre a presa;
3. Ao uso da magia como meio de coagir a natureza;

Essas auto-restrições favorecem a homogeneidade. Há uma sólida síntese de padrões geográficos, econômicos e autômicos que na vida sioux se expressam em vários aspectos:

1. A organização social em bandos, que contribui para a fácil dispersão e migração,
2. A dispersão da tensão no sistema da grande família;
3. A tecnologia nômade e o uso desimpedido do cavalo e do rifle;
4. A distribuição da propriedade por meio do sistema de presentes;

5. A divisão da agressão na direção da presa e do exogrupo.

A educação sioux cria uma base firme para este sistema de centrifugalidade, ao estabelecer um centro permanente de confiança, isto é, a mãe que amamenta, e depois ao tratar os problemas de detenção, da raiva infantil e da agressão muscular de modo que o maior grau possível de ferocidade seja provocado, canalizado socialmente e, finalmente, liberado contra a presa e o inimigo. Acreditamos que aqui nos encontremos não diante de uma causalidade simples, mas de uma assimilação mútua de padrões somáticos, mentais e sociais, que se desenvolvem reciprocamente e elaboram o plano cultural para uma vida econômica e eficiente. Só essa integração proporciona o sentimento de estar à vontade neste mundo.

Transplantada para nosso sistema, porém, a expressão mesma do que em outros tempos se considerou uma conduta eficaz e aristocrática – tal como o descanso pela propriedade e a recusa – só conduz a uma associação com os extratos mais baixos de nossa sociedade. Sobre esta base, assim claramente definida a criança cresce e se tornava um cidadão sioux. A perda destas estruturas tornou estas crianças desprovidas de vitalidade, silenciosas, sem conseguir utilizar sua agressividade de forma adequada e, portanto pouco envolvidas com o aprendizado.”

Crises agressivas e Retraimento: Dificuldades? Patologia?

A segunda comunidade estudada por Erikson exigiu dele um esforço diferente. Ao continuar sua pesquisa sobre aspectos históricos-culturais na constituição do psiquismo, permaneceu na mesma linha investigativa na qual se embasou para estudar as crianças sioux.

Diz ele “ Para comparação e contra-ponto passemos dos melancólicos “guerreiros sem arma” para uma tribo de pescadores: os yurok que viviam num vale estreito, montanhoso e densamente arborizado, junto à embocadura de um rio, na costa do Pacífico, vivendo num universo circunscrito. Consideravam que um disco de cerca de 150 milhas de diâmetro, cortado aomeio pelo curso do rio, continha tudo o que havia no mundo. Ignoravam o resto e condenavam ao ostracismo como “louco” ou de “origem ignóbil” todo aquele que revelasse acentuada tendência a se aventurar além do território. Oravam a seus horizontes que, supunham, continha os “lares” sobrenaturais de onde os espíritos generosos lhes mandavam a substância da vida: o lago (que na realidade não existia) e do qual fluía o Rio; a Terra do outro lado do oceano, que é o lar do salmão, a região do céu que envia os cervos e os lugares na costa, de onde vem o dinheiro – isto é- as conchas que usavam como tal”

Dentro desse terreno tudo se construía em termos de sua história e dos mitos sobre a origem de sua raça.

“Esses mitos não mencionam picos de montanhas nem as árvores gigantes que tanto impressionam os viajantes brancos – o Yurok destaca certos rochedos e árvores da aparência insignificante, que admitia fossem “ a origem” dos acontecimentos mais importantes. A aquisição e a conservação de bens é e foi o problema em torno do qual os yurok pensam, falam e oram (...). Continua Erikson descrevendo a comunidade: “ Os yourok se referem a uma “vida limpa”, não a uma “vida forte” como os sioux. A pureza consiste na evitação contínua dos contatos e contaminações impuros, e na purificação constante das contaminações possíveis. Depois de ter mantido relações

sexuais com uma mulher, ou de ter dormido na mesma cama com mulheres, o pescador deve passar pelo “teste” da casa do suor. Entra pela porta de tamanho normal (...) contudo, o homem só pode sair da casa por uma pequena abertura que deixa passar um homem que não tenha o hábito de comer demais e que por causa da transpiração causada pelo fogo sagrado tenha perdido bastante gordura para se poder esgueirar por ela. Depois deve completar a purificação nadando no rio. O pescador escrupuloso se submete a este teste todas as manhãs (...) . Comer qualquer coisa em um barco desagradava ao salmão e ao rio (...), a urina não deve se misturar com as águas do rio (...) os salmões exigem que as mulheres, em suas excursões pelo rio, atendam a certas formalidades, pois podem estar menstruadas.

Só uma vez por ano, quando o cardume de salmões sobe o rio, deixam-se de lado essas evitações. Nessa época, obedecendo a complicado cerimonial, é construído um grande açude que impede que os salmões subam o rio e permite que os yurok consigam uma abundante provisão para o inverno (...). Depois de dez dias de pesca coletiva, há nas margens do rio verdadeiras orgias de liberdades sexuais, reminiscentes das antigas cerimônias pagãs da primavera na Europa (,,,). Situada em uma clareira ensolarada, só é acessível por lancha partindo da costa ou por caminhos enevoados e perigosos. Quando decidi a passar ali algumas semanas com o objetivo de completar e conferir meus dados sobre a infância Yurok, desde o início me deparei com o temperamento esquivo e desconfiado do grupo (...) me absteve de sustentar opiniões que representassem crítica à sua conduta ou, mesmo, evitar que ela me desestimulasse. Assim instalei-me num acampamento abandonado, perto do rio, e esperei (...).

A atitude insubmissa e manifestamente cínica da maioria dos yurok em relação ao homem branco deve-se atribuir ao fato de que a distância interna entre os yurok e os brancos não é tão grande como a que existe entre os brancos e os sioux (...). O yurok vivia em sólidas casas de madeira meio enterradas no solo. As casas de madeiras atuais estão situadas junto das covas que em outra época continham as habitações subterrâneas dos antepassados (...). atualmente ainda vêm, pescam, comem e discutem salmão. (...) sua vida está relacionada com a propriedade. Sabe como discutir um assunto em dólares, sem abandonar sua tendência “primitiva” no mundo branco centrado no dinheiro (...)

As crianças Yurok eram tratadas dentro dos rituais da tribo. Erikson conversou bastante com Fanny – uma das velhas da tribo considerada como “um médico” Fanny era chamada para curar a falta de apetite, pesadelos, delinquências etc e seu tratamento partia do seguinte pensamento:

“Se uma criança, depois do anoitecer, vê um dos integrantes do “povo sábio” – raça de pequenos seres que precederam na terra a raça humana, ataca-a uma neurose e, se não for tratada eventualmente morre (...) se uma criança manifesta sintomas de perturbação nervosa ou se queixa de dores que possam indicar ter visto um “sábio”, sua avó corre ao jardim ou à enseada ou onde quer que lhe tenham indicado que a criança esteve brincando depois do anoitecer, lamenta-se aos brados, e fala aos espíritos : É nosso filho, não lhe façam mal. Se isso não der resultado pede à avó vizinha que “cante sua canção” para a criança. Toda avó tem sua própria canção. Se a avó vizinha não resolve apela-se para Fanny e se fixa um preço pela cura”.

Sobre a infância no mundo Yurok Erikson relata que: "Protegem o nascimento da criança as proibições orais (...). Durante o parto a mãe deve fechar a boca. O pai e a mãe não comem carne de cervo nem salmão até que o umbigo da criança cicatrize. O desprezo por esse tabu era a causa das convulsões infantis. Durante dez dias, o alimento da criança não é o leite materno, mas uma sopa de nozes servida em uma concha diminuta. A amamentação começa com a generosidade e a frequência das índias. Entretanto, há uma época para o desmame, por volta dos seis meses, isto é, na fase inicial da dentição (...) diziam que o desmame significava "esquecer a mãe" e, se necessário, era forçada nos fins do primeiro ano, a mãe afastando-se de casa por alguns dias. O primeiro alimento sólido é salmão. O desmame precoce força a criança a se desprender da mãe. Na versão yurok de um berço, as pernas do bebê fica descoberta e, do vigésimo dia em diante a avó lhe aplica massagens para incentivar a engatinhar o mais cedo possível. A cooperação dos pais a esse respeito é assegurada pela norma de que poderão recomeçar as relações sexuais logo que o bebê comece a engatinhar.

Mais tarde a alimentação seguia também ritual bastante organizado: "Aconselhava-se a criança a não pegar comida sem pedir primeiro, a comer devagar e a não pedir uma segunda porção (...) durante as refeições, mantinha-se uma estreita ordem de lugares e se ensinava à criança a observar as normas como por exemplo: não encher a colher, a levá-la à boca comedidamente, a largar a colher enquanto mastigava, e, sobretudo, durante esse processo pensar em ficar rico. Devia-se manter o silêncio durante as refeições para que todos pudessem concentrar o pensamento no dinheiro e no salmão. Esta condu-

ta protocolar, com boas razões, pode ter concorrido para elevar ao nível de uma alucinação aquela necessidade nostálgica de ingestão, cuja causa talvez tenha sido a prematura perda do seio e do contato com a mãe, na etapa caracterizada pelo desejo de morder.

(...) A criança aprende desde muito cedo que não deve urinar no rio, ou em seus afluentes porque o salmão não gosta de flutuar em águas que contém fluidos corporais. Então, não se trata propriamente da idéia de que a urina é "suja", mas de que os fluidos procedentes de diferentes sistemas de conduto são antagônicos e mutuamente destrutivos."

A comparação entre os estudos realizados com as crianças sioux e as yurok mostra que: "as configurações com as quais estas duas tribos tentam sintetizar seus conceitos e ideais em um plano coerente de vida. Este plano infunde eficiência a suas primitivas formas de tecnologia e mágica e os protege da ansiedade infantil que pode levar ao pânico: a ansiedade dos caçadores da pradaria relativa à castração e à imobilização, a dos pescadores do Pacífico ante a perspectiva de falta de provisão. Para realizar este objetivo, uma sociedade primitiva parece usar a infância de vários modos: atribui significados específicos às primeiras experiências corporais e interpessoais, a fim de criar a combinação adequada de modos orgânicos e a ênfase apropriada nas modalidades sociais; canaliza cuidadosa e sistematicamente, através do intrincado padrão da vida diária, as energias assim provocadas e desviadas; e confere significado sobrenatural coerente às ansiedades infantis que tem explorado".

Estas experiências foram determinantes para desenvolver a teoria das idades do desenvolvimento humano.

Inicialmente, as oito idades foram desenvolvidas para uma conferência realizada em 1950 na Casa Branca. Os organizadores desse evento, conforme nos conta Erikson por meio da entrevista realizada com Evans, sugeriram que discorresse sobre o desenvolvimento "normal". Mais tarde inseriu a discussão sobre a nona idade. A cada uma das nove idades existe um tipo de conflito ou crise a ser vivenciado. Cada crise vai subsidiando a construção da personalidade num permanente movimento que relaciona e dá sentido às memórias e experiências vividas num determinado momento (idade) da vida com as experiências vivenciadas nos estágios anteriores.

PRIMEIRA IDADE: CONFIANÇA BÁSICA X DESCONFIANÇA BÁSICA - (ZERO A UM ANO E MEIO). PALAVRA CHAVE: ESPERANÇA. ETHOS SOCIAL: RELIGIÃO

Impossível não retornar ao pensamento freudiano quando se fala em desenvolvimento afetivo. Esta primeira idade corresponde, em alguns aspectos à fase oral descrita por Freud e, em parte à etapa de desenvolvimento intelectual denominada período sensorio motor por Jean Piaget. Estes três estudiosos ao enfocarem os dois primeiros anos de vida assim o fizeram: Piaget falou a respeito do período sensorio motor como o ponto de partida para o desenvolvimento da inteligência caracterizando o período em que as percepções apoiadas nas estimulações oferecidas pelo ambiente serão a base para a construção do pensamento lógico e abstrato, posteriormente. Freud falou sobre um nível de desenvolvimento pulsional com características narcisistas inextricavelmente presos à oralidade e, Erikson postulou que a oralidade que se desenvolve na primeira relação, com a mãe que alimenta, tranqüiliza,

acaricia, oferece aconchego tem um caráter incorporativo, pois esse é o primeiro movimento inconsciente em direção à normalidade. Para ele, o ser humano é receptivo, incorpora a estimulação através de todos os sentidos e, muito precocemente faz um movimento de reconhecer o mundo de fora através daquilo que já está incorporado dentro de si. A atitude psicossocial básica que se aprende nesta idade é a de que é possível confiar no mundo a partir da mãe que alimenta de forma adequada (quantidade, horário etc) e a atende ao seu bem estar geral (frio equilíbrio etc). Erikson escolheu a palavra “confiança” para este momento pois entendeu que esta palavra:

Implica não só que um indivíduo aprendeu a confiar na uniformidade e continuidade dos provedores externos, mas também que pode confiar em si mesmo e na capacidade de seus órgãos para enfrentar os desejos urgentes (ERIKSON, 1976 p.228).

A mãe ensinará consoante com a maneira própria da cultura na qual está inserida de tal maneira que o seu aquele bebê possa se adaptar a esta determinada versão do universo. O primeiro trabalho do ego é estruturar o equilíbrio entre confiança básica e desconfiança básica e depende da forma como acontece a harmonia entre prover com cuidado e firmeza dentro das expectativas da cultura. Os pais devem:

Ser capazes de afirmar à criança uma convicção profunda, quase somática, de que tudo o que fazem tem um significado. Enfim as crianças não ficam neuróticas por causa das frustrações, mas sim pela falta ou perda de significado social nessas frustrações (ERI-

KSON, 1976 p.229).

Estas atitudes parentais irão dar sustentação para que o bebê vá criando uma base sólida para o desenvolvimento de sua identidade e do estabelecimento no futuro, de um sentimento de aceitação dentro de seu grupo. No entanto, a desconfiança também é necessária para o desenvolvimento inicial.

... o fator crítico é uma certa proporção de confiança e desconfiança em nossa atitude social básica. Quando enfrentamos uma situação devemos diferenciar quanto podemos confiar e quanto podemos desconfiar, para estarmos preparados para o perigo e prevenirmos doenças. O homem de vê aprender de acordo com seu universo cultural (ERIKSON, 1967 pg.25).

Considera esta idade a “pedra angular” da personalidade, pois é neste momento que a criança vai enfrentar experiências que a levarão confiar ou não em sua mãe e, por generalização, no mundo à sua volta. Este sentimento de confiança é a primeira tarefa do ego da qual irá depender sua identidade estável:

A primeira realização social do bebê é sua disposição de permitir que sua mãe saia de seu alcance sem que se produza nele ansiedade ou raiva indevidas, porque ela (a mãe) tornou-se uma certeza interna, tanto quanto um evento externo previsível. É esta consistência, continuidade e mesmidade da experiência que lhe proporciona um sentido rudimentar de identidade do ego ... (1950, p.247). “Quando superamos a nossa amnésia universal dos aspectos terri-

ficantes da infância, também podemos reconhecer agradecidos, o fato de que, em princípio, a glória da infância sobrevive também na vida adulta. (ERIKSON, 1968, p.106).

A figura materna através de sua constância amorosa no cuidar e atender é a primeira responsável pela implantação do embrião de um sentimento de identidade que irá desabrochar futuramente. A mãe afinada com a saúde de sua cultura irá apoiar no bebê o desenvolvimento de um desejo futuro de pertencer e atuar na sociedade. Os aspectos do desenvolvimento psicossocial desta idade vinculam-se ao conceito de esperança, como a virtude básica para a construção da moral do Homem é explicada POR Erikson como: “... a esperança é a virtude básica, sem a qual não poderíamos viver e ela não foi inventada nem pelos teólogos nem pelos filósofos” (1967 p.27). Ele é muito firme em apontar que a ausência da confiança básica está no alicerce da esquizofrenia infantil e também adulta porque o sujeito se desenvolve sem perceber a fronteira entre a sensação, a realidade, as palavras e os significados. Por outro lado, no desenvolvimento da cultura:

... a fé dos pais que sustenta a confiança que emerge no recém-nascido tem procurado ao longo da história sua salvaguarda institucional (e, as vezes, encontrou seu maior inimigo) na religião organizada. A confiança nascida do cuidado é, de fato, a pedra de toque da realidade de uma determinada religião (...) Cada sociedade e cada idade devem encontrar sua forma institucionalizada de veneração que deriva vitalidade de sua imagem de mundo, da predestinação à indeterminação. O clínico só

pode observar que muitos se orgulham, de não ter religião mas que seus filhos não são capazes de viver sem ela. Por outro lado, há muitos que parecem derivar uma fé vital da ação social ou da atividade científica, E, ainda mais, muitos há, que professam uma fé, mas na prática insuflam a desconfiança na vida e no homem (ERIKSON, 1976, p.231)

A primeira etapa seria então a do desenvolvimento da esperança que surge de uma proporção favorável da confiança oposta à desconfiança.

SEGUNDA IDADE: AUTONOMIA X VERGONHA E DÚVIDA - (UM ANO E MEIO A TRÊS ANOS): SURGE A FORÇA DE VONTADE. ETHOS SOCIAL: A LEI.

A transição da primeira para a segunda idade não é um trajeto fácil. No instante em que o bebê aprende a confiar em sua mãe e no mundo deve ter vontade própria e arriscar-se a perdê-la, pois só assim poderá começar a discriminar o que deseja. No instante em que a criança começa a opor sua vontade à dos outros, cada cultura apresentará um padrão para estimular ou desestimular este despontar da vontade.

O significado desta segunda idade está localizado na crescente maturação muscular, da verbalização, da coordenação e conseqüentemente de comportamentos exploratórios sujeitos a acertos gratificantes e a erros angustiantes. O exercício do controle da musculatura faz com que a criança experimente sua condição de "manter" ou "soltar". Fisicamente agarrar algo, controlar os esfíncteres vem carregado de sentimentos de controle de sentimentos e fantasias que envolvem agressividade, destrutividade e hostilidade. O adulto saudável que cuida

da criança nesta idade tem o papel fundamental de mostrar sentido e firmeza de tal maneira que ela fique protegida tanto do desejo caótico de autonomia e experimentação quanto da dúvida em relação à sua própria capacidade de acerto e de ser compreendida, o que pode gerar o sentimento acentuado de vergonha.

A vergonha é uma emoção insuficientemente estudada, porque em nossa civilização ela é muito cedo e facilmente absorvida pela culpa. A vergonha pressupõe que o indivíduo se sente completamente exposto e que está ciente de que o estão olhando: em uma palavra: é autoconsciente (...) A vergonha se manifesta logo por um impulso de esconder o rosto (...) mas creio que isto seja essencialmente raiva voltada contra si mesmo. Quem se sente envergonhado gostaria de obrigar o mundo a não vê-lo (...) gostaria de destruir os olhos do mundo. Como isso não é possível, vê-se forçado a desejar sua própria invisibilidade. (...) A vergonha individual precede a culpa auditiva, que é um sentimento de maldade, experimentado solitariamente e quando tudo está em silêncio – menos a voz do superego. Esse envergonhamento explora um sentimento crescente de pequenez, que se pode desenvolver quando a criança é capaz de se por de pé e à medida que sua percepção lhe permita notar as medidas relativas das dimensões e do poder. Envergonhar demais não conduz a uma verdadeira retidão, mas a uma secreta determinação de fazer tudo que se quer, impunemente, sem ser visto, quando não dá em resultado uma desafiante falta

de vergonha "(1976 p.232). Ainda para Erikson: "este estágio torna-se decisivo para que se estabeleça uma proporção entre boa vontade amorosa e a auto-insistência odiosa, entre a cooperação e a teimosia, entre a expressão pessoal e a auto-repressão compulsiva ... Somente a firmeza parental pode proteger a criança contra as conseqüências de sua discriminação e circunscrição ainda não educadas. Mas o seu ambiente também deve apoiá-la em seu desejo de 'fazer as coisas por si mesma', ao mesmo tempo em que a protege de duas forças emergentes: a primeira dela é o sentimento de que se expôs, prematura e insensatamente e que nós denominamos de vergonha; e a segunda, aquela desconfiança secundária, aquela 'dupla admiração' a que nós chamamos dúvida - dúvida de si mesmo e dúvida quanto à firmeza e perspicácia de seus educadores. (ERIKSON, 1969, pp.109-110).

A criança desta idade deve aprender a controlar todos os músculos inclusive os esfíncteres. Os órgãos urinários e anais estão vinculados fisiologicamente com o desenvolvimento psicosexual e também com os mecanismos da agressão. O exercício de autonomia irá convalidar a segurança básica vivenciada na idade anterior. Por outro lado se a vergonha prevalece sobre a autonomia então um profundo sentimento de inferioridade poderá se desenvolver. Nesta idade, portanto, surgirão os rudimentos da força de vontade, que irão se desenvolvendo e se diferenciando ao longo das idades seguintes, a fim de sustentar a vida psíquica madura e, neste sentido a relatividade cultural é entendida com um fator importante.

A salvaguarda institucional referente a esta idade é o princípio da lei e da ordem. Toda sociedade estabelece-se fundamentada em alicerces que norteiem os conceitos de direito, dever e justiça garantindo a convivência política e econômica da sociedade.

TERCEIRA IDADE : INICIATIVA X CULPA – SURGE O EMBRIÃO DO PROPÓSITO (TRÊS A SEIS ANOS)

Particularmente importante na determinação da sexualidade futura do indivíduo e de como ele irá aceitar e vivenciar seus papéis femininos ou masculinos, no final desta idade a criança deverá ter adquirido um sentimento de iniciativa, que implica a consciência do que ela pode agora fazer e do que será capaz de fazer. Nesta idade a criança é vigorosa, raciocina de forma rápida, não se constrange em fazer perguntas. Confiança e autonomia desenvolvidas nas idades anteriores fornecem os subsídios para o exercício de iniciativas, planejamentos de ações, conquistas, seduções e competições. É uma idade de inquietações profundas tanto em meninos através do modo fálico-intrusivo com que se insere no mundo quanto na menina através do modo receptivo com que inicia sua de conquista do mundo.

Chegamos a um ponto nevrálgico do pensamento de Erikson. Esta idade corresponde à fase fálica, proposta por Freud, na qual aparece o Complexo de Édipo, conceito que Erikson discute de maneira intrigante.

O estágio de modalidades sociais básicas em ambos os sexos e a do 'produzir', primeiro na acepção infantil de 'estar em fabricação'. Não há palavras simples nem fortes no inglês que correspondam às modalidades básicas. As palavras

sugerem a alegria da competição, a insistência nos objetivos, o prazer da conquista. No menino, a ênfase permanece em 'produzir' um ataque frontal; na menina, pode converter-se em 'captar' arrebatando agressivamente ou 'cativar' tornando-se ela própria atraente e meiga. Assim, a criança desenvolve os pré-requisitos da iniciativa masculina ou feminina e, sobretudo, certas auto-imagens sexuais que se tornarão os elementos essenciais dos aspectos positivo e negativo de sua identidade futura (ERIKSON, 1968 p.118).

Neste momento a criança é extremamente vigorosa, curiosa, falante, atuante na realidade e todas estas características subsidiam um sentido de iniciativa. As diferenças entre meninos e meninas são assim explicadas por Erikson:

As meninas sofrem freqüentemente uma importante mudança nesta idade porque, mais cedo ou mais tarde, elas observam que embora sua intrusividade locomotora, mental e social seja tão vigorosa quanto a do menino, permitindo-lhes assim tornarem-se verdadeiros moleques, falta-lhes um item, o pênis; e por isso elas perdem algumas prerrogativas importantes, na maioria das culturas e classes. Enquanto o menino tem este órgão visível, erétil e compreensível, ao qual pode ligar sonhos de grandeza adulta, o clitóris da menina só muito pobremente alimentará sonhos de igualdade sexual e ela não possui sequer seios, como testemunho analogamente tangível do seu futuro (ERIKSON, 1968 p.117).

O que a teoria de Erikson postula é que o Complexo de Édipo pode ser compreendido como consequência natural do desenvolvimento. Sexualidade infantil, tabu do incesto, complexo de castração e superego formam um núcleo aglutinado de fenômenos que fundamentam o primeiro encontro com a sexualidade. Com relação ao desenvolvimento da sexualidade feminina e masculina, da forma como Freud formulou, assim ele se posiciona numa entrevista realizada em 1967:

Minha sensação é de que o julgamento geral da identidade da mulher foi provavelmente o aspecto mais fraco de sua teoria. Qual é exatamente sua culpa por isso não sei, exceto que ele foi um homem vitoriano, um homem patriarcal. Ele pode ter omitido todo o substrato do matriarcado no homem. Ele também foi médico e, obviamente, via nas suas pacientes o que você obtém primeiro na associação livre de qualquer paciente, a saber, uma história de privação e ressentimento. E, finalmente, é quase certo que houve necessidade de um desenvolvimento do campo, incluindo a participação de mulheres na medicina, que ajudou o homem a estabelecer uma empatia com as mulheres – um empreendimento perigoso para um homem, já que o seu papel público, o seu método e a sua identidade masculina, tudo depende um do outro. A questão não é rejeitar o que Freud viu e generalizou. Não há dúvida que as mulheres invejam profundamente e de várias maneiras, a masculinidade. Qualquer menina em crescimento naquela época, ou no que diz respeito ao assunto, através de toda a

era patriarcal da humanidade podia ver que o menino, apenas devido ao seu suplemento anatômico, era considerado mais importante. Mas ao lado da insistência do homem na superioridade masculina, há uma inveja antiqüíssima das mulheres porque elas têm certeza da sua maternidade, enquanto o homem só pode estar certo de sua paternidade se mantiver a mulher confinada, porém, isto já é outra questão. De qualquer maneira a literatura psicanalítica tende a descrever a mulher como uma criatura essencialmente passiva e masoquista que, não só aceita os papéis ou identidade a elas destinadas com submissão, mas, também precisa de todo o masoquismo que possa reunir para apreciar o macho fálico. (ERIKSON, 1967P.348).

O representante cultural desta idade refere-se tanto a um sentimento moral que determina o limite entre o que é possível no real e na fantasia e dirige, de certa maneira os objetivos adiante na vida adulta. As instituições sociais ligam-se a um ethos econômico que substituiu gradativamente os contos de fadas e os heróis.

QUARTA IDADE: PRODUTIVIDADE X INFERIORIDADE – COMPETÊNCIA - (SETE A DOZE ANOS)

Quando alcançam a idade escolar, as crianças de todas as culturas recebem instrução sistemática ... Nos povos pré letrados muito é aprendido através dos adultos ... E também com as crianças mais velhas ... A criança ingressa na tecnologia de sua tribo muito gradualmente, mas também muito diretamente ... Os povos

mais instruídos onde há profissões mais especializadas, devem preparar a criança começando por sua alfabetização ... Depois lhe é dada a educação para as possíveis carreiras. Quanto mais especialização mais indistinto se torna o objetivo da iniciativa, mais complicada a realidade social e mais vagos os papéis de pai e de mãe. (Erikson, 1967).

Nesta idade a criança tem a experiência de que é capaz de fazer as coisas e fazê-las bem. Ao se perceber desta forma desenvolve um sentimento de domínio e de industriiosidade ao ser bem sucedida, como também desenvolve o sentimento de inferioridade, de apego à mãe, ao considerar-se mal sucedida. Este período estende-se durante o tempo em que a criança freqüenta a escola elementar e Erikson enfatiza o impacto que a educação pode exercer durante esses anos. Vejamos:

É nesse ponto que a sociedade mais ampla torna-se significativa para a criança, ao admiti-la em papéis preparatórios para a tecnologia e a economia reais. Entretanto, é quando ela descobre, imediatamente, que a cor de sua pele ou os antecedentes de sua família, mais do que seu desejo e vontade de aprender são os fatores que decidem o seu valor como aluno ou aprendiz. A propensão humana para se sentir impresentável pode ser fatalmente agravada como um determinante do desenvolvimento do caráter. (ERIKSON, 1968,p.124).

No estudo desta idade é que será enfatizada a importância da aprendizagem . É o tempo da criança integrar o sistema instrucional de sua cultura, seja ela primitiva ou altamente tecno-

lógica e o contato com a vida fora de casa coloca a criança frente a frente com as diferenças e conseqüentemente com a experiência de um sentimento de inferioridade provenientes da constatação de inadequação e dificuldades. As bases da tecnologia próprias da cultura onde esta criança está se desenvolvendo são passadas através da educação de tal maneira que ela consiga manejar de forma produtiva as ferramentas utilizadas pelos adultos que a educam. Leitura, escrita, geografia, história são informações que garantirão á criança um sentido de lugar e de tempo, fatores constituintes da identidade adulta.

O grande risco desta idade é a possibilidade do recrudescimento de um sentimento de inadequação e de inferioridade quando não alcança ou é desestimulada a desenvolver suas habilidades dentro do grupo. Nestes casos pode se desenvolver a possibilidade de permanecer regredida, ou pode desenvolver a referência do trabalho como única forma de valor para com a vida.-

O representante cultural desta idade está apoiado no fato de que ela desenvolve neste instante sua primeira impressão sobre o sentido da produção e do trabalho. Desenvolve-se então o ethos tecnológico e cada cultura.

Estas quatro primeiras idades formam a primeira infância. A vivência dos conflitos entre ConfiançaXDesconfiança; AutonomiaXVergonha e Dúvida; IniciativaXCulpa e ProdutividadeX Inferioridade fornecem relativa calma antes da entrada na adolescência.

QUINTA IDADE: IDENTIDADE X CONFUSÃO DE PAPÉIS - FIDELIDADE (DOZE AOS DEZOITO ANOS)

O livro "Identidade Juventude e cri-

se” foi editado em 1968 e a segunda edição brasileira saiu em 1968. Neste livro Erikson revê um conjunto de conceitos escritos em diferentes artigos e trabalhos. A tônica recai sobre os conceitos: Ego, Identidade e Crise de Identidade, estudando especialmente a juventude.

Correspondendo à adolescência, período de grande atenção do autor, a quinta idade supõe que as identificações que foram sendo feitas no decorrer das idades anteriores possibilitarão o indivíduo a encontrar e fortalecer sua identidade:

é um período da vida em que o corpo muda radicalmente de proporções, a puberdade genital inunda o corpo e a imaginação com toda espécie de impulsos, a intimidade com o outro sexo se inicia e o futuro imediato o coloca diante de um número excessivo de possibilidades e escolhas conflitantes. (1968, pp.132-133) ... ele deve fazer uma série de seleções cada vez mais específicas de compromissos pessoais, ocupacionais, sexuais e ideológicos (ERIKSON, 1968, p.245).

Nesta idade o ego tem um papel fundamental de revisão e síntese das vivências de todas as idades anteriores. Se ao longo de seu desenvolvimento a criança conseguir uma boa relação inicial com o mundo e com a cultura através dos questionamentos próprios desta idade, buscando novo sentido de continuidade e de coerência para suas vidas, ela terá maior possibilidade de ser bem sucedida no futuro.

É sabido que a adolescência localiza-se numa zona intermediária entre a vida infantil e as expectativas e medos referentes à vida futura. O que ele explica é que a integração que

agora tem lugar sob a forma de identidade do ego é mais que a soma das identificações da infância e diz respeito à experiência acumulada da capacidade do ego para integrar todas as identificações realizadas mais as aptidões naturais da pessoa mais as oportunidades oferecidas pelas funções sociais. O sentimento de identidade do ego, então firma a certeza de que coerência e continuidade interiores elaboradas no passado alicerçam e equivalem à coerência e à continuidade do próprio significado de si mesmo para a cultura, o que se evidencia, por exemplo, na escolha de uma carreira.

A confusão de papéis pode ser entendida como parte do processo de conquista da identidade, principal trabalho do ego nesta idade. Se o adolescente trazer consigo desconfianças, vergonhas, culpas e inferioridades muito acentuadas o conflito em relação à aquisição da identidade sexual e social fica intensificado. Erikson explica que:

A mente do adolescente é essencialmente uma mente do moratorium que é uma etapa psicossocial entre a infância e a idade adulta, entre a moral aprendida pela criança e a ética a ser desenvolvida no adulto. É uma mente ideológica e, de fato, é a visão ideológica de uma sociedade a que afeta mais claramente o adolescente ansioso por se afirmar perante seus iguais e que está preparado para ser confirmado pelos rituais, credos e programas que definem ao mesmo tempo o que é mau, fantástico e hostil. (ERIKSON, 1976, p.242).

É um período crítico, pois ao mesmo tempo em que o ego da criança já fez um trabalho de síntese também este período de confusão irá deter-

minar sobremaneira o que está por vir. O adolescente está amadurecendo, assimilando os valores de sua cultura, desenvolvendo senso crítico, observando de forma muito particular a realidade, refletindo, utilizando suas atividades cognitivas. Erikson observava que todo este mecanismo psíquico em direção à identidade explicitava a necessidade atual da juventude daquele tempo de definir sua identidade no mundo moderno e industrializado. Durante a adolescência os conflitos vivenciados nas idades anteriores são revividos com conflitos parciais (desconfiança, vergonha, culpa, inferioridade, assim como busca por confiança, autonomia, iniciativa e produtividade) e vão ajudando a moldar sua Identidade adolescente em direção à vida adulta-jovem. Fica claro o processo de expansão do ego ao longo das quatro primeiras idades, na adolescência e observaremos agora como a expansão acontece ao longo das idades posteriores à adolescência.

SEXTA IDADE : INTIMIDADE X ISOLAMENTO - AMOR (DEZOITO AOS TRINTA ANOS)

A saída da adolescência é marcada por um conjunto de conquistas que desemboca em novas formas de interação social. A conquista da identidade dará ao sujeito a condição do estabelecimento de real intimidade entre as pessoas numa contraposição saudável com a condição de isolamento.

O adulto jovem, como é denominado o sujeito desta idade, deve ser capaz de “expressar carinho e afeto para com os outros e também de distinguir seus amigos de seus inimigos, mas também deve se sentir suficientemente seguro a respeito de si mesmo, para que possa tolerar e mesmo gostar de ser quem ele é”. (GALLATIN, 1975, pg.204).

A incapacidade de prover intimidade pode gerar dificuldade no contato com outras pessoas gerando diversos meios de proteção como, por exemplo, o trabalho, por outro lado a pessoa que não consegue isolar-se, que não suporta estar sozinha terá problemas em produzir.

A instituição social que está associada a esta idade é a estrutura social de sistemas éticos, pois após ter encontrado sua identidade, o jovem se dispõe a ligar sua identidade com a de outros. Deverá estar preparado para a intimidade, para entregar-se a ligações afetivas duradouras, e deverá também estar apto para desenvolver a força ética necessária para ser fiel a essas ligações mesmo que elas imponham compromissos significativos:

à medida que as áreas de responsabilidades do adulto vão sendo gradativamente delineadas, e que a competição, o vínculo erótico e a inimizade irredutível são diferenciados um do outro, eles acabam eventualmente ficando sujeitos àquele sentimento ético que caracteriza o adulto e que sucede as convicções ideológicas da adolescência e o moralismo da infância. (ERIKSON, 1968, p.138).

SÉTIMA IDADE: GENERATIVIDADE X ESTAGNAÇÃO - CUIDADO (TRINTA AOS SESENTA ANOS)

Este é um período que, quando as articulações egóicas das idades anteriores aconteceram relativamente bem proporciona capacidade de criar e enfrentar desafios, cuidar dos bens conquistados e fazer a manutenção das relações afetivas. É talvez a idade mais longa descrita no ciclo vital, pois envolve a construção de uma família, a expansão profissional

que exige da pessoa produtividade, afeto, envolvimento e empenho no cuidado com a nova geração. Este cuidado assegurará, nas crianças e adolescentes que estão sob sua atenção o desenvolvimento de confiança, autonomia, iniciativa, produtividade e formação de identidade.

Criar uma nova geração, cuidar e orientar os mais novos são o significado que Erikson atribuiu à palavra generatividade:

A evolução fez do Homem um animal capaz de aprender e ensinar, visto que a dependência e a maturidade são recíprocas: o homem maduro precisa sentir que é um ser necessário e a maturidade é dirigida, pela natureza, a cuidar daqueles que ainda deverão atingi-la. A generatividade, portanto, é primordialmente, a preocupação em estabelecer e orientar a geração seguinte... Nós já sugerimos que o sentimento de confiança do bebê é um reflexo da dignidade deles enquanto seres autônomos. Pois, seja o que for que façamos, a criança perceberá, basicamente, o que rege nossas vidas enquanto seres amorosos, cooperativos e firmes, e o que nos torna odiados, angustiados e divididos. (ERIKSON, 1968, p.113).

Para o final desta idade, que pode durar em torno de trinta anos, o sentido da generatividade pode alterar.

A generatividade, que inclui o maior envolvimento de vida dos indivíduos ativos, necessariamente já não é esperada na velhice. Isso liberta os anciãos da tarefa de cuidador. Entretanto, não ser necessário pode ser sentido como uma designação de inutilidade. Quando

não existem desafios, podemos ser tomados por um senso de estagnação. Outras pessoas, naturalmente, podem receber isso com satisfação, como uma promessa de descanso, mas afastar-se totalmente da generatividade, da criatividade, do cuidado de e com os outros, seria pior do que a morte. (ERIKSON, 1998, pg.94).

O sentido de "cuidar" é a virtude adulta atribuída na sétima idade e portanto todas as instituições que garantem a ética nas relações entre as pessoas, quer através da família quer através do trabalho, são responsáveis pela manutenção da organização humana.

OITAVA IDADE: INTEGRIDADE X DESESPERANÇA - SABEDORIA (APÓS OS SESENTA ANOS)

O indivíduo que resolveu as etapas anteriores articulando angústias, alegrias, vitórias, derrotas e medos de tal maneira a manter a integração de seu ego, chegará a esta idade com tranquilidade e segurança para enfrentar o fechamento de seu ciclo vital. Diz Erikson:

Somente a pessoa idosa que zelou pelas coisas e pessoas e se adaptou aos triunfos e desapontamentos de ser, necessariamente, a geradora de outras pessoas e a criadora de coisas e idéias - só nela se amadureceu gradativamente o fruto das sete idades do homem. Eu não conheço melhor palavra para expressar isso do que integridade. Na falta de uma definição precisa, assinalarei alguns atributos desta fase mental. É a garantia acumulada do ego de sua propensão para a ordem e significado - uma integração emocional fiel às imagens do

passado e pronta para assumir a liderança no presente, eventualmente renunciar a esta. É a aceitação de seu ciclo vital único e das pessoas que se tornaram significativas e indispensáveis à sua vida, não permitindo, por isso, substituição. Significa, assim, um novo e diferente amor pelos pais, liberto do desejo de que eles poderiam ter sido diferentes, e uma aceitação do fato de que cada um é responsável pela sua própria vida. É uma sensação de camaradagem para com homens e mulheres de épocas distantes e de diferentes ocupações, que criaram ordens, objetos e idéias transmitindo dignidade e amor humanos. Embora cômico da relatividade de todos os vários estilos de vida que deram significado ao esforço humano, o indivíduo que atingiu a integridade está pronto a defender a dignidade de seu próprio estilo de vida, contra todas as ameaças físicas e econômicas. Pois ele sabe que uma vida individual é a coincidência acidental de um único ciclo vital com um único segmento da história e que, para ele, toda a integridade humana se mantém e coincide com aquele estilo de integridade que ele compartilha (ERIKSON, 1968, pp. 139, 140).

É inegável que o valor cultural e o papel institucional do velho nas diferentes culturas dará as diretrizes para a valorização ou não do papel do velho. Por um lado ele pode ser considerado como fraco, lento, desorganizado, desmemoriado portanto incapaz de produzir com a rapidez com que os tempos atuais exigem. Pode muito cedo entrar num programa de aposentadoria que retira dele o papel

de produtor e de provedor. Por outro lado, existem ainda culturas que enxergam o velho como aquele que detém a sabedoria e a ética de sua sociedade e garantem a ele um espaço de dignidade e importância. Palavras como virtude, sabedoria, tradição e integridade são características desta oitava idade. Se o velho não alcança estes valores reformatando para as limitações da vida atual, e se o ego não consegue fazer a integração e dar sentido aos conflitos vivenciados ao longo da vida, o sentimento que surge é o de desesperança.

A continuidade das gerações depende por um lado do plano social determinado pela cultura e por outro do plano biológico característico da espécie e não há como desarticular estes dois planos:

a partir das fases da vida, disposições tais como a fé, força de vontade, determinação, competência, fidelidade, amor, zelo e sabedoria – sendo todos estes critérios da força vital individual – também fluem para a vida das instituições. Sem elas, as instituições definham, mas, sem que o espírito das instituições impregne os padrões de zelo e amor, instrução e treino, nenhuma força poderia emergir da seqüência de gerações (1968.pg.141).

NONA IDADE: A TRANSCENDÊNCIA

Este é um trecho da comédia shakespeariana *As you like it*, que

é considerada a mais famosa comédia e diz respeito à fala de Jaques, um dos senhores a serviço de um honesto Duque da França, que foi banido dos seus domínios por Roderick, seu irmão mais jovem e usurpador.

AS SETE IDADES DO HOMEM

SHEAKSPEARE

O mundo é um palco e todos os homens e mulheres são meros atores:

Têm suas saídas e suas entradas;

No princípio, apenas uma criança, miando, vomitando nos braços de uma babá.

Depois, vem o escolar, com a sua pasta, reclamando aos gritos,

Com o rosto fresco da manhã, se arrastando qual lesma, desgostoso de ir para a escola.

Mais tarde, surge o amante, suspirando que nem uma fornalha,

compondo tristes baladas às sobranceiras de sua amada.

Tempos depois, vem um soldado –

Cheio de estranhos juramentos, peludo como um leopardo

Zeloso de sua honra, pronto e rápido para uma briga,

Na procura de vã notoriedade, mesmo diante da boca de um canhão.

Passa o tempo.

Agora, é a vez dos sentimentos de justiça, mas de barriga cheia de suculento capão forrada

Com olhar sisudo, barba de corte conservador,

Dono de sábios conselhos e de exemplos atuais: Dessa forma, cumpre seu papel.

Na sexta idade, se enfia em calças e em chinelas simples

Agora, usa óculos, bolsa de lado;

Num mundo muito vasto, as meias juvenis, bem conservadas,

Não são de mais valia para suas pernas agora finas.

Sua voz viril e portentosa volta aos sons agudos de criança, agora pia, vira assobio.

Última cena de um desfecho de uma estranha e episódica história:

Volta a ser criança. Vai-se a antiga memória saudável:

Sem dentes, sem visão, sem paladar, sem nada.

A nona idade foi formulada mais tardiamente na produção de Erik Erikson. Ele viveu lucidamente até os noventa e quatro anos e, portanto teve oportunidade de discutir e de vivenciar experiências próprias das limitações e inquietações dos últimos anos do ciclo vital. A nona idade foi principalmente conceituada por Joan M Erikson na revisão da teoria de Erik que resultou no livro "O ciclo de vida completo" lançado pela Artmed em 1998.

A palavra utilizada para melhor definir esta idade é "transcendência", que conforme Joan Erikson:

Segundo o dicionário transcender significa simplesmente 'erguer-se acima ou ir além de

um limite, exceder, superar' e também, 'ir além do universo e do tempo' Os historiadores de épocas anteriores apresentam evidências de como, no Oriente, os velhos eram muito respeitados por uma longa vida de serviço e de bom julgamento. Os anciãos sábios eram aplaudidos por deixar a azáfama da vida da comunidade, retirando-se para as montanhas e locais remotos para acabar de viver suas vidas. Embora o recolhimento possa ter sido solitário, ele não terminava com o auto respeito, e muitos eram alimentados e cuidados adequadamente por muitos anos de retiro (...) talvez os realmente velhos só encontrem um lugar seguro para refletir sobre seu estado de espírito na privacidade e no isolamento. Afinal de contas, de que outra maneira podemos encontrar paz e aceitação das mudanças que o tempo impõe ao corpo e à mente? A corrida e a competição estão terminadas; libertar-se da pressa e da tensão é obrigatório na velhice. Alguns aprendem isso cedo, e outros, tarde demais. (ERIKSON, 1998, p.104).

Uma das tarefas desta idade é a revisão da identidade temporal. Isto aponta para a árdua tarefa de recuperar habilidades e enfrentamento do medo da proximidade da morte, através da coragem da retrospectiva sobre a vida.

Erik Erikson é considerado como um descendente da psicanálise freudiana. Sua teoria permite a compreensão do desenvolvimento psicológico humano apoiado na constituição da força pulsional, no relevante e fundamental papel do ego e dos mecanismos de defesa e na constituição do

superego. Insere, de maneira criteriosa e consistente o papel da representações culturais na constituição do inconsciente individual. Fornece material muito rico para a pesquisa nas áreas da psicologia clínica, social e educacional.

O jornalista Evans, pergunta a Erik Erikson em entrevista:

O Sr. Se considera psicanalista?

Ele responde:

Vim da arte para a psicologia, o que pode explicar, ainda que não justificar, o fato de que às vezes o leitor me veja pintando contextos e cenários em ocasiões em que ele preferiria que assinalasse fatos e conceitos ..." Sim. Basicamente sou. Psicanálise é a única disciplina que estudei e sinto-me feliz por ter começado a praticá-la com pacientes infantis e adolescentes sob a supervisão de Anna Freud. Meu primeiro encontro com a psicanálise foi pelo caminho da arte (...) Freud pensava que a psicanálise situava-se na fronteira entre ciência e arte.

Acredito que tenham me aceitado porque, como artista, estava muito próximo das crianças ... Foi esta a primeira área na qual me especializei depois de ter estudado o método psicanalítico geral. Quando cheguei a Boston (1933) fui analista de crianças e logo após fui ensinar psicanálise na escola de medicina.

PRODUÇÃO

1930: Trabalhou na Harvard Psychological Clinic e no Yale Institute of Human Relations.

1931: Publicou Bidderbucher Zeitschrift fur Psychoanalytische Pedagogik 5: 417-445

1933: Graduiu-se pelo Instituto psicanalítico de Viena e, neste mesmo ano iniciou seu trabalho clínico nos Estados Unidos.

1937: Publicou Configurations in play – clinical notes. Psychoanalytic Quarterly 6 139-214 e Freud's The origins of Psychoanalysis. International Journal of Psycho-Analysis 36: 1-15.

1938: Participou de um núcleo de estudos numa reserva indígena em Nebraska e estudou a vida dos índios Sioux. Esta pesquisa de campo foi o pano de fundo para ao alicerçamento das idades do desenvolvimento e do aprofundamento conceitual sobre o papel da cultura no desenvolvimento psicológico individual.

1940: Trabalhou no Guidance Study no Institute of Human Development na Universidade da Califórnia – Berkeley

1950: Trabalhou no Austenm Riggs Center em Berkheires. Morava na Califórnia quando recebeu o convite para apresentar um artigo sobre os estágios do desenvolvimento chamado Growth and crises of healthy personality., na Midcentury White House Conference on Children and youth. Este trabalho foi publicado em conjunto com Joan M. Em seguida apresentou os estágios do desenvolvimento para um grupo de psicólogos e psiquiatras em Los Angeles. Foi para esta palestra que ele inseriu o estágio Generatividade X Estagnação entre as idades adulta jovem e a velhice conforme citado acima.

1951: Publicou Chilhood and Society. New York. Willey (revised 1963). Traduzido da segunda edição para o português por Gildásio Amado como

Infância e Sociedade. Rio de Janeiro. Zahar.1976). Este livro foi lido, segundo o próprio Erikson por um número grande de pessoas de diferentes idades e que não eram do campo da Psicologia clínica, muito embora tenha sido um trabalho utilizado para a formação de “profissionais interessados pela psicanálise” porque na verdade, o livro teve origem a partir da sua prática em Psicanálise principalmente em situações que envolviam “crianças pequenas, apatia em índios norte-americanos, confusão em veteranos de guerra, arrogância em jovens nazistas”. Destas situações o trabalho delineou-se abarcando a discussão sobre os “fenômenos de massa, cultura, religião, revolução” apontando para o estudo da Psicologia do Ego, que tem suas raízes na organização social. Ele define o livro como sendo “um estudo psicanalítico da relação do ego com a sociedade. É um livro sobre a infância”. Um estudo psicanalítico, que enquanto método é “essencialmente histórico”. (1976).

1958: Publicou Young man Luther: A study in Psychoanalysis and History. New York: W.W. Norton. Um dos aspectos abordados nesta obra e que vai para além da biografia diz respeito ao posicionamento do conceito de identidade, na conjunção indiscutível entre o “psicológico e o social, entre o desenvolvimento e a história (...) e a relatividade psicossocial” e, como consultor das forças armadas americanas estudou o processo de adaptabilidade do ser humano através de estudos realizados junto a dos tripulantes de submarinos.

1959: Publicou Identity and the life cycle. Psychological Issues 1,1-171.

1960: Vinculado à Universidade de Harvard começou a trabalhar a expressão “crise de identidade”, localizando este conceito na dinâmica de

desenvolvimento do adolescente exatamente dentro do período bastante crítico em relação ao comportamento dos jovens.

1964: Publicou Insight and Responsibility. New York: W.W. Norton Inner and Outer Space: Reflections on Womanhood. In R.J.lifton (ed), The woman in America. Boston. Beacon.

1966: Juntamente com Joan M, publicou Eye to eye. In The man-made Object, edited by G. Kepes New York. Braziller

1968: Publicou Identity: Youth and Crisis. New York. Norton, traduzido para o português por Álvaro Cabral como Juventude, Identidade e crise, Rio de Janeiro. Editora Guanabara,1987). Esta obra discute a idéia de Identidade e sucede Infância e Sociedade. Faz uma recapitulação histórica do termo, explora o conceito de “crise de identidade”, sempre suportado pela transcrição do significado cultural, a universalidade do termo e seu papel no processo de amadurecimento humano, sobretudo durante a juventude.

1969: Publicou Gandhi's trust. New York. Norton.

1974: Publicou Dimensions of a New Identity: The 1973 Jeffersos Lectures. New York. W.W.Norton.

1977: Publicou Toys and Reasons: Stages in Ritualization of Experience. New York. W.W. Norton.

1978 : Publicou Life story and the Historical Moment. New York. W.W. Norton.

1980: Escreveu um ensaio para publicação que constava de três volumes chamado The course of life, psychoanalytic contributions toward understanding personality development, que

contou com artigos de Anna Freud e a equipe da Clínica Hampstead. Este trabalho caracterizou duas teorias fundamentais: por um lado a psicanálise do desenvolvimento sexual e por outro a do ego. Nesta publicação aparece, tal como proposta por Erikson a psicanálise do desenvolvimento psicossocial. Foi editado por S.I. Geespan and G.H.Pollack. Washington D.C: U.S. Government Printing Office.

Escreveu também neste ano: Psychoanalytic reflection on Einstein`s Centenary. In Einstein and Humanism. New York: aspen Institute for Humanistic Studies, e On generationa cycle: an address. International Journal of Psychoanalysis 61 213-222

1980: Publicou Identity and the Life Cicle. New York: Norton.

1981: Publicou The Galilean sayings and the sense of "T". Yale Review Spring 321-362

1982: Publicou The life cycle completed. New York. Norton. Traduzido para o português como O ciclo de vida completo pela psicóloga Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre. Artmed. Este livro é resultado de revisão e ampliação feita por Joan Erikson, após a morte de Erik e insere a nona idade como fechamento para o ciclo vital.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARROS, M.C.S. Pontos de psicologia do desenvolvimento. SP:Ática.1991

COLES, R. The Erik Erikson reader. New York. W.W. Norton & company. 1978.

EVANS, R.I. (1979). Construtores da Psicologia. São Paulo. Summus-EDUSP

_____ (1976). Diálogo com Erik Erikson. México. Fondo de cultura económica

.ERIKSON,E. Identity: Youth and crisis. New York.Norton.1968.

_____ Juventude, Identidade e crise, Rio de Janeiro. Editora Guanabara,1987.

_____ Autobiograph notes on identity crisis. Daedalus,1970.

_____ O ciclo de vida completo. Porto Alegre. Artmed,1998

_____ Infância e Sociedade. Rio de Janeiro. Zahar.1976.

_____ Gandhi`s trust. New York. Norton.1969.

_____ The life cycle completed. New York. Norton. 1982.

GALLATIN,J. Adolescência e individualidade. SP:Harbra.1978.

RAPPAPORT,C.R. et all. Teorias do desenvolvimento.Vol.IV. SPEPU.1982. ■